

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

Redacção, Administração, Composição e Impressão

PAGAMENTO ADEANTADO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

TIPOGRAFIA DO HERALDO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA
Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

CARNAVAL

O meu presado leitor, desta feita, não abiscoutará piteu politico, que é coisa assaz rançosa e algo indigesta.

Falaremos hoje do velho Entrudo, do irrequeto e desenvolto Folião, ventruço e ignóbil, que corporisou, em tempos que já lá vão, os mais genuínos requintes da graça portuguesa, pesada e mal cheirosa, tal qual a entendiam nossos maiores.

Vamos, contemplar portanto, leitores amigos, o estrebuchar do Carnaval agonisante. Já podemos ir ensaiando o choro profundo que devemos entoar-lhe á beira do tumulo.

Envelheceu, coitado! Fugiu-lhe a alegria expansiva e comunicativa da juventude.

A monice sensaborona com que pretende, ainda, fazer gargalhar as turbas é o debater-se afflictivo da agonia, é o paroxismo derradeiro. Ha muito já que as canslhes alvejam sobre o toutico. Parece que foi algum má olhado da Civilização moderna que lhe branqueou a gaforina.

O gentilico Folião perde, de ano para ano, a sua característica pilheria de outros tempos. Já nos provoca bocejos de tedio com os seus esgares contrafeitos, com os seus trejeitos de pouca graça. E' aborrecivel, insulso, fastioso.

O Carnaval é o Passado com todas as suas estupidas velharias, com todo o seu atrazo intelectual, querendo fazer rir o Presente, no regaço fôfo e macio da Civilização, querendo suplantar a graça e o fino espirito dos nossos tempos — repito, porque nós, neste ponto, levamos as lampas aos nossos avôzinhos que Deus guarde.

Centro Democratico

E' convocada, pela segunda vez, para o dia 10 do corrente mês, pelas 20 horas, a Assembleia Geral do referido Centro, a fim de tratar diversos assuntos. Pedro-se a comparecência de todos os socios.

O secretario da Assembleia Geral,
Eduardo Firme Vazquez Paula

Major Pires-Viegas

Regressou a Faro, no comboio correio da noite de 1.º, o heróico comandante da batalhão expedicionario de infantaria 17, major sr. Pires Viegas.

O illustre oficial era aguardado na gare por grande numero de pessoas, de todas as classes sociais, que lhe prestaram veementes saudações logo que S. Ex.ª saiu do comboio, no que foram secundadas pela grande multidão de povo que enche o largo da estação e ruas próximas, ouvindo-se o estalar de muitos foguetes.

Além da banda regimental, compareceu a filarmónica louletana, «União Matagal Pacheco», que acompanhava o homemgeado á casa da sua residência, entre grande multidão de povo, disposto numa imponentissima marcha, em flambeaux, ao som de «calorosos vivas á Patria, á Republica, ao exercito, ao major Pires Viegas e ao alferes sr. Penêdo», que o acompanhava etc.

Comovidamente o sr. major Viegas agradeceu a manifestação de que foi alvo, declarando toma-la tambem como prestada aos heróicos soldados que comandara.

Apresentamos ao nosso illustre amigo sr. Pires Viegas os nossos cumprimentos de boas vindas e saudamos na pessoa do nosso dedicado amigo sr. José Domingos Lopes, toda a comissão promotora de tão justa e tão significativa homenagem.

HAVANESA TAVARES

BELO & FILHO

Realizou-se na passada terça-feira 29 de Fevereiro o sorteio de prêmios que a Havanesa Tavares Belo & Filho distribuiu todos os meses aos seus frequentes.

O sorteio realizou-se ás 20 horas ante numerosa assistência suada os prêmios aos seguintes frequentes: Alvaro Victorio Primitivo: Uma bengala com um magnifico castão de prata.

João George Marques Coelho Caldas: Um alfinete de ouro com uma luva e um par de sapatos de seda.

Francisco Martins Calado: Um boteo d'ouro para peito, com duas perolas.

Major Feliciano de Abreu Macedo Ortigão: Uma caneta de prata em estalo.

Antonio Antunes Cabrita: Uma caixa de magnificos charutos Labor.

Os proprietarios da Havanesa Tavares Belo & Filho dão todos os seus mais cordiais parabens aos sorteados no fim de cada mês.

Encontra-se depositado no Commissariado de policia um relógio de bolso, que será entregue a quem provar a propriedade. Quem o encontrar e entregar ao Commissariado de policia receberá uma recompensa de 500 réis.

Epigrama

Anselmo Benito Crispim,
Palerma vindo das ilhas,
Mandou ensinar as filhas
Grego, francês e latin;

Casaram todas por fim;
Apenas por serem belas;
Porém os maridos delas
Diziam todos assim:

— Abrigam a sciencia em si,
São grandes literatisas,
Poderiam dizer missas,
Porém não passam daí!

Brilham em mil assembleas,
Falam como deputados,
Mas não fazem refugados
Nem deixam pontos em meias!

Bernardo Passos.

CARNAVAL

Os inqueritos do «Heraldo»

Toda a gente sabe muito bem o que é o Carnaval.

Considerado como um periodo de prazer e de esufiante alegria por uns, é para outros como que uma epoca de sensaboria e de aborrecimento extremos.

Ha quem engrace com ele e não falta quem o deteste.

Adorado, pela mocidade, de sangue na guelra e o farnel da esperança carregado de illusões douradas, é aborrecido pelos velhos, pelos que tem pratica da vida e que conhecendo-o já não querem nada com ele.

Dado este desencontro de opiniões, impunha-se um inquerito a todo o paiz afim de se fixar em bases solidas o parecer nacional acerca do Entrudo.

Foi esta poderosissima razão, que nos resolveu a organizar uma especie de plebiscito, que distribuímos profusamente, e cujos frutos optimos temos o gosto de a seguir, oferecer aos nossos presados leitores.

Eis os termos, da nosso inquerito:

«V. Ex.ª gosta do Carnaval?»

Detesta-o? Querera V. Ex.ª enviar-nos, em meia duzia de palavras, uma definição do Carnaval, segundo o criterioso parecer de V. Ex.ª?

Mais de 20.000 respostas entraram já nesta redacção, e consta-nos que foi devido á grande abundancia da correspondencia de «O Heraldo» que a distribuição do correio tem sido feita com atrazo.

Eis algumas das opiniões mais interessantes que publicamos, testemunhando o nosso sincero agradecimento aos seus auctores pelo brillantissimo que a sua colaboração vem emprestar ao nosso «Heraldo».

Quere que lhe mande uma definição do Carnaval?

Olhe, assim de pé para a mão o que lhe posso garantir é que já o Comité o considerava uma especie de umbela sob

a qual a Humanidade através dos tempos se abriga a chalaçar.

Teófilo Braga.

Antes das grandiosas conquistas da Democracia e da Republica, o Carnaval apenas abrangia as pessoas. Hoje numa conquista serena e forte, já se expandiu, já alargou os seus dominios e abrange pessoas e coisas.

Quem osará contestar depois das declarações do Governo a que tenho a honra de presidir, que os navios alemães estão mascarados de portugueses?

Afonso Costa.

O Carnaval pode considerar-se um archote que outrora influiu a alma das multidões mas que está prestes a extinguir-se.

Antonio José de Almeida.

Simpatizo com o Carnaval porque é a epoca do ano caracterizada pela expansão do lixo.

Brito Camacho.

O Carnaval é uma especie de voltarete sem numero determinado de parceiros.

João da Ponte.

E' inegavel que o Carnaval anda doente.

Decerto não lhe fazia mal tomar a tizana.

Virgilio Inglês.

Parece-me que o Carnaval, á tenta a sensaboria que o caracteriza, pode considerar-se um automóvel sem gasolina ou um avestruz... depenado.

Ferreira Neto.

O Carnaval seria excelente se não fosse uma especie de rede de arrasto feita de serpentina, farinha e tremoços, lançada aos cofres de um cidadão, etc etc etc.

Conde do Cabo de Santa Maria.

O Carnaval é um vapor que desaparece no horizonte e do qual só se vê a mastreação.

D. Bernardo Mesquita.

O Carnaval é uma especie de Fidiás que nos visita anualmente.

João Pedro de Sousa.

O verdadeiro Carnaval politico consiste em mecher os cordelinhos por detraz da cortina.

José Francisco.

Sem receio do desmentido, asfianço a todo o paiz que o Carnaval é uma especie de navio encalhado por falta de limpeza nos cascos.

Leote do Rego.

O Carnaval! Ah! O Carnaval é uma especie de Entrudo de via reduzida.

Celorico Gil.

O Carnaval é uma ordem de serviço, policial obrigatoria e maçadora.

João Barbosa.

O Carnaval é uma secção alegre da hidraulica do tempo.

Girão.

O Carnaval é a genuína escola de repetição da chalaça.

Mendes Cabeçadas.

O Carnaval—com os seus costumes e dominios, é muitas vezes o mais poderoso aparelho de raio X que se poderia aplicar á humanidade.

Silva Nobre.

O Carnaval está abatido e derrancado. Será proveitoso recommenda-lo á Assistencia?

A. Pereira Assis.

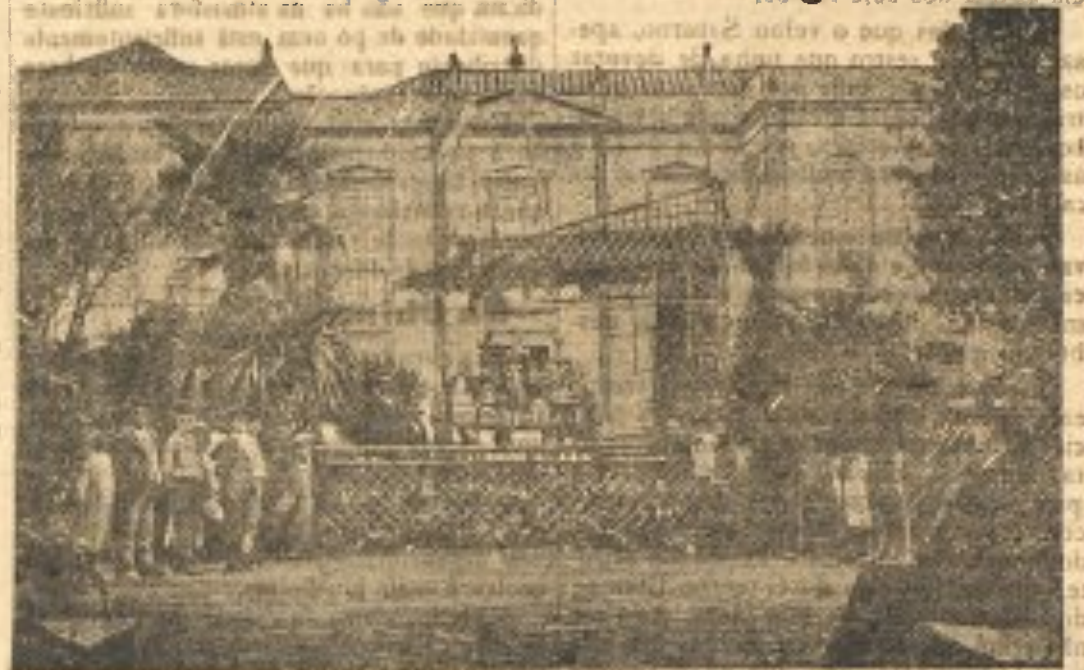
O Carnaval tem uma apendicite ideológica. Se for preciso, opera-se.

Candido de Sousa.

Constou, há meses, que o Carnaval estava hidrofobo mas testé diagnostico não chegou a confirmar-se.

Honório Vaz.

O «Heraldo» no estrangeiro



A sucursal de «O Heraldo» em Schangai

O Carnaval é uma prancha de cortiça prestes a ir ao fundo.

Abraham Amram.

O Carnaval, dada a sua volubidade, não pode servir de testemunha em registos testamentarios.

Rodrigues Davim.

O Carnaval, em vista da respectiva baixa de cambios, é um papel de credito, quasi sem cotação.

Henrique M. Cansado.

O Carnaval é uma verdadeira caranguejola sem aliceres.

Manuel de Jesus Belmarço.

Não falta quem diga que o Carnaval é um vinho batuído.

Mateus da Silveira.

Afianço-lhe que o Carnaval ainda não tirou passaporte no governo civil deste districto.

Judice Aboim.

O Carnaval não passa de uma desafiada orquestra sinfonica da humanidade.

Rebello Neves.

O Carnaval, meus meninos, é a festa da Arvore da humanidade, com «Sementeira» tudo.

Honório Santos.

O Carnaval é um grandecissimo malcriado, que não bebeu chá em pequeno e está talvez pago para me insultar o que é vil e inqualificavel.

Eulalia das Dóres Costa.

O Carnaval é um registo que não deixa nada.

Manuel Pedro Guerreiro.

O Carnaval é natural de Olhão.

Dezinhão Junior.

O Carnaval, em tempos, esteve debaixo do poal dos potes da minha avó.

Bernardino Barbosa.

O Carnaval está desacreditado por causa da demagogia que entrou na cega da democratica.

Alvaro Judice.

Bis bis bis bis bis bis bis bis bis.

Antonio Miguel Galvão.

O Carnaval... na... na... na... val é u... u... u... ma... ma... gran... gran... de ga... gu... gu... gu... gu... ce.

Dr. Mostarda.

O Carnaval é o verdadeiro pica-ponto dos divertimentos publicos.

J. V. dos Santos.

O Carnaval, se tivesse juizo, ia viver para a Praia da Rocha.

L. Mascarenhas.

Na opinião do «Sul» foi o Carnaval quem me sugeriu a ideia de escrever «fitas» do patrão Jaime.

M. de Brito Junior.

O Carnaval é um dente cariado na boca da civilização.

Antonio Martins Paula.

O Carnaval é uma fazenda já debotada por falta de venda.

Gratito Martins.

O Carnaval dos «escrivães de direito» consiste em não pagar os respectivos annuncios.

F. Brito, Anibal & C.ª

O Carnaval, no final de contas é apenas uma simples ampliação do cliché do disparate.

Acacio Chaves.

O Carnaval não estaria desacreditado se, de vez em quando, trouxesse as mais frescas novidades literarias para esta cidade. Mas talvez ele se resolva a fazer-o brevemente.

Antonio dos Santos Capela.

Com suas aurifugencias de lhama, e irritantes policromias de mascaras e pelinhos, o Carnaval é apenas um espectro, especie de alma penada, que todos os anos obtém tres dias de licença para sair do cemiterio.

Lyster Franco.

O Carnaval é um registo que não deixa nada.

Manuel Pedro Guerreiro.

O Carnaval é natural de Olhão.

Dezinhão Junior.

O Carnaval, em tempos, esteve debaixo do poal dos potes da minha avó.

Bernardino Barbosa.

O Carnaval está desacreditado por causa da demagogia que entrou na cega da democratica.

Alvaro Judice.

Bis bis bis bis bis bis bis bis bis.

Antonio Miguel Galvão.

O Carnaval... na... na... na... val é u... u... u... ma... ma... gran... gran... de ga... gu... gu... gu... gu... ce.

Dr. Mostarda.

O Carnaval é o verdadeiro pica-ponto dos divertimentos publicos.

J. V. dos Santos.

O Carnaval, se tivesse juizo, ia viver para a Praia da Rocha.

L. Mascarenhas.

Na opinião do «Sul» foi o Carnaval quem me sugeriu a ideia de escrever «fitas» do patrão Jaime.

M. de Brito Junior.

O Carnaval é um dente cariado na boca da civilização.

Antonio Martins Paula.

O Carnaval é uma fazenda já debotada por falta de venda.

Gratito Martins.

O Carnaval dos «escrivães de direito» consiste em não pagar os respectivos annuncios.

F. Brito, Anibal & C.ª

O Carnaval, no final de contas é apenas uma simples ampliação do cliché do disparate.

Acacio Chaves.

O Carnaval não estaria desacreditado se, de vez em quando, trouxesse as mais frescas novidades literarias para esta cidade. Mas talvez ele se resolva a fazer-o brevemente.

Antonio dos Santos Capela.

D. Carnaval

Sua ascendencia mitológica



Creio que ninguém sabe ao certo de onde ele nos veio. Sabidos que tem maduramente estudado a questão, fantasiaram uma árvore genealógica que vai pelas eras acima mergulhar as raízes no império romano e não sei se até na Grécia antiga dos sete sábios.

Dizem eles que o velho Saturno, apesar do mau sestro que tinha de devorar os filhos, ainda hoje por este acto mostra uma particular afeição e que lá no sólio onde habita oculto, põe todos os anos as cangalhas para melhor lhe admirar as cabriolas.

Com tão nobre ascendencia D. Carnaval degenerou e vimo-lo por aí muita vés caído nas maiores misérias e vergonhas, maltrapilho e bebado, falando calão desbragadamente.

Ha querido corrigi-lo. Houve tempo em que me deu muito que fazer a policia. Era até do programa ir-se em quarta feira de Cinzas, pela manhã, ver a procissão de saloios e galegos, pintados com o pó de tijolo, *ché-chés* estompados, dominós de chita reles e velhas de capote, que do hospício do Governo Civil se dirigia ao templo, da Boa-Hora. As ruas não eram atetadas de palmas e flores, mas de tremoços gelados e telenórios; não adereçavam as janelas colchas de seda e damascos, mas gêmeas de ovos e coisas peores, nos vidros partidos.

Não houve meio! O potente canalhão da policia não soube regenerar o Entrudo. Tornou-se então a festa da

Então a civilização proteitora quiz tutelar e deu-lhe conselhos. O velho decrepito mas vicioso, rosnou quando lhe disseram:

—Fôra o pó! fôra o tremoço! fôra a cocotê! fôra a bisnaga!

—E mataram-me! disse com modos trágicos.

Chegou a fazer testamento, dando a muitos parentes e amigos, varios dos seus attributos e a civilização o castão da sua bengala como o costumeado:

—Toma! toma!

So guardaria o chanfallo para um suicidio a japonês, que lhe puzesse ao sol as entranhas de estopa.

A culpa bem sabe ele de quem foi, que por vezes, ai viu retratos de suas manias lá de fora: lindos vestidos de veludo negro, cheios de guizos argenteos, chapéu armado sobre os cabelos louros, varinhas mágicas nas mãos, um encanto, elas todas cheias de pó de arroz, enfiadas em essências finas.

Carnaval de Paris! Carnaval de Veneza! Carnaval de Nice! Carnaval de...

Os trabalhos que lhe vai dar enfiar as pernas sem estourar no manto de seda e não limpar as mãos a fátia e falar com decencia, e ter braga e ter malicia!

Coça a cabeleira de estopa e diz com os seus bofes:

—Vão doer-me os calos. Cheira-me a macada!

Depois examina a consciencia e filosofa alto, como o costume de bebados:

—Mas que mal lhes fiz eu! Foi apenas o que todos são; mas com menos hipocrisia. Muitos vi eu virem a enfiar no barril do meu lixo, aproveitando o que deito fora e ainda lhes serve em segunda mão suja. Muitos me deram de papélio todos os pomes, eu para dizer só verdades, eles para mentir. Todos nós nos disfarçamos, eu sirvo para ler, e eles para mentir. O que digo de rijo pensam o eles baixinho. Eu disfarço-me com fardas douradas. Eu represento uma comedia com a farsa de riso, eles uma farsa com a farsa de luto. Eu embebedo-me com vinho, eles com vaidade. Por isso me querem pôr fora, porque afinal sou da familia, eles dizem que a envergonho.

Um desabafo, corrido. A lagrima é livre. Bateram-lhe a porta. Era um cavalheiro muito fino. Caro Senhor, disse-lhe o Entrudo. O outro deu-lhe a vossencia.

—Por quem é? disse o velho, com um feto de penhoradissimo. O cavalheiro fino fez estendo do que trazia: flores, rebuçados, confetti de varias cores para domingo, segunda e terça, fatos e veludo, meias bordadas, sapatinhos de polimento, umas luvas brancas. E o entrudo saiu para a rua... com saudades da inquisição.

D. João da Câmara

POR ESSE MUNDO

Porque nos parece azul o firmamento

E' este um assunto que desde longe vem intrigando os homens de ciencia, havendo, para a sua resolução, dois mysterios a esclarecer: o da reflexão da luz e o do calor. Antigamente acreditava-se que o azul do céu era devido ao oxigenio da atmosfera, porque este gaz tem uma cor azul muito palida, e supunha-se que existia no ar certa quantidade dele, em dissolução, que lhe communicava a sua tonalidade. Em recentes epochas, quasi todos admittiram como explicação do fenomeno a chamada "teoria do pó" de Tyndall, com ou sem modificações. Segundo essa teoria, vemos azul o firmamento por um effeito optico devido ás microscopicas particulas que flutuam no ar, as quaes contribuem tambem para reflectir a luz.

Não obstante, os calculos feitos ultimamente pelo professor Spring, de Liege, indicam que não ha na atmosfera sufficiente quantidade de pó nem está sufficientemente distribuido para que possa servir de base á referida explicação.

Acrescenta ainda outras razões e voltando á teoria do oxigenio azul, conforma-se com a hipotese já iniciada por flagonbach de que a reflexão da luz provém da mistura e combinação de varias camadas atmosféricas de humidade diferente.

Na China

Uma escada de 6.000 degraus daria que pensar a qualquer, menos a um devoto de Confucio, a um chinês. Os chinês sobem por uma escada assim até á montanha sagrada de Tai-Shan.

A distancia do primeiro ao ultimo degrau é de 1.810 metros.

O desenvolvimento dos caminhos atinge quatro e meio kilometros.

A um kilometro da cidade de Tain-gran abre-se a porta monumental da escadaria flanqueada por dois pagodes colossaes. Dela partem duas fileiras de templos e santuarios a Confucio, ladeados de terraços e hotéis.

Os chinês gastam uma semana para escalar a montanha sagrada e chegam ao tempo do sacrifício, descauando e dormindo nas hospedarias. Essa elevação calcula-se regular por uma casa de frescos e andares. Mas a devoção carrega os celestiaes até ao seio do céu do seu idolo.

A arte e... o espanador!

A familia mãe, de Italia, que sempre manifestou vivo interesse pelo teatro veneziano, do qual Goldoni foi o creador, convidou Feruccio Remini a visitar o seu palacio, para representar perante a corte uma das mais celebres comédias daquelle que foi cognominado o Moliere da Italia.

Feruccio Remini acceden do melhor grado ao desejo de Margarida de Saboia, e, com o concôrso da sua tribo, fez-se admirar em "La Servante amoureuse".

Não tem fora de propósito recordar a pitante origem desta peça. Goldoni fez uma pequena viagem em... bote, de Rimini a Chioggia, tendo por companhia uma deliciosa servetta que o encantou fazendo ouvir nimias pitorescas canções populares, seguindo-se um terno idillio.

Parce que Goldoni tomou-lhe o gosto, porque a esta seguiu-se outras aventuras, das quaes foram protagonistas outras criadilhas. E desta predileção pelas portadoras da louca e aventureira brancura, veio a arte a aproveitar, porquanto inspiraram Goldoni para a criação das suas delicias e encantadoras comédias "Femmes jalouses" e "La Locandiera".

Decididamente na criadilha para todo o serviço, que são, na verdade, muito aproveitáveis.

SONETO

Tu es l'image qui passe
Par les vœux exaltés
Tu es la mer de grace
Ou nagent mes pensées.
Tu es la perle des mers
Aux roches bien cachées
Tu es la plus innocente
Des fleurs que j'ai trouvées.

Tu es la pétale de rose
Tu es une esponge du miel
Tu es le bon papillon
Tu es la colombe des fies.

Tu es le parfum des fleurs
Tu es les champs fleuris
Tu es un ange du ciel
Blanc idéal de ma vie.

Dentinho Junior.

A mulher

DEFINIDA PELA SCIENCIA

ESTETICA:—A mulher é o unico ser que pode ser belo sem ter beleza e viceversa.

FISICA:—A mulher é uma balança sem fiel e um termometro cujo mercurio se dilata ao calor do orgulho e da vaidade.

FISIOLOGIA:—A mulher é um plastico azulado e vaidoso, oxigenado e fosforico.

GEOGRAFIA:—A mulher é um vulcão cuja lava é o despeito.

GEOLOGIA:—A mulher é um fossil infossilisavel.

GEOMETRIA:—A mulher devia ser uma "circunferencia" á qual apenas se pudessem traçar a tangente do matrimonio.

MECANICA:—A mulher é a mais poderosa alavanca do universo.

MINEROLOGIA:—A mulher é um dolerito amigdalóide, cujos nucleos são constituídos por persunção e irritabilidade.

NAUTICA:—A mulher é a helice mais segura da humanidade.

QUIMICA:—A mulher é o ácido nítrico da existencia.

TEOLOGIA:—A mulher é a deusa que tem maior numero de adoradores. Nos seus altares sacrificam-se os corações.

Dela se fizeram igualmente as Fúrias e as Parcas.

ZOOLOGIA:—A mulher é um bipede, ás vezes, lindo, mas sempre indomesticavel.

LISANDRO.

RIDENDO...

A JULIO SILVA

Se olho pra ti, Julinho,
quando te pões a tocar,
eu fico-me extasiado,
nem me atrevo a respirar.

Rouxinhos biquinhos
emudecem despetitados,
e as mósas param seu vôo
para escutarte os trinitados.

Porque tocas de tal modo
o "epininho" fadista
que á sua doce harmonia
não ha ninguém que resista.

Conseques tirar da banha,
que dedilha a primor,
gemidos, bellos, soluços,
suspiros costos de amor!

Ha sonhos inebriantes
nesses harpejos divinos,
e caricias que enlouquecem
nos recordes cristallinos.

E se é certo, como dizem
que pintas á maravilha,
es um artista enfiado,
não cabes em gasetilha!

E's o Rubens da guitarra!
E's o Mozart dos pinçes!
Vales bem mais do que versos,
pós vales contos de reis!

Alá, Silva! E's prava! Mulheres
um cemiterio das mósas
multo embora tu o não sintas!
Alá, Julio! Que bem que tocas!

Fazes da mão o que queres!
Alá, filho! Que bem que pintas!

Anedocta Galante

Uma dama formosa e elegantemente vestida, apoea da sua carruagem e entra num armazem de musica. Escolhe varias peças para piano, paga e retira-se, entrando de novo na carruagem, que parte a galope.

Mas o caixeiro, deslumbrado com os peregrinos encantos da freguezia, ficara-se a suspirar, sentindo o coração a tocar musica, do adagio até o allegro, todos os compassos do amor.

Nisto apparece outra vez na mesma loja a mesma dama, que diz, sorrindo, para o caixeiro:

—Somos dois esquecidos!
—Porque minha senhora?
—Porque não me deu o Beijo que eu lhe pedi!

BELAS-TETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

GARNAVAL

Um costume pagão, mas muito qu'rido.
Desse povo catolico romano,
Que o saboreia—prato aplecido:
Provado apenas uma vez por ano.

Agora já não é o mau tirano.
Das almas timoratas tão temido.
Lavou-se, perfumou-se, fez-se humano.
E, se ainda da coices, é escondido!

No entanto, mesmo assim tão delicado.
Terno, delicado, e espécione.
Em dada ocasião, momento azado.

Recita em voz de baixo, nu de trombone
Do fulvica bathão o gran novado
Com a sublimidade de Cambrone!

HUMBERTO PACHECO.

O AUTOMOBILISMO

Dado o incremento deste genero de sport nos ultimos tempos, resolvemos abrir nas colunas de "O Herald" uma secção de consultas sobre Automobilismo e seus pertences, marcas preferidas, sobrecelentes etc, tudo emfim que interesse a este importantissimo meio de locomoção.

Recebemos a seguinte carta:

Ex. Sr. X. A.

Tenho um automóvel cujo motor outro dia mandei limpar, desarmar e ajustar. Disseram-me na ocasião que para dar mais força e aumentar a camara de explosão deveria substituir uma peça de fibra que elle tinha entre os cilindros com cortes de 0.004

De V. Ex. etc.
Aquiles Rainha.

PENSAMENTOS

Para fazer juizo seguro acerca de uma mulher, não basta examinar-lhe as toilettes: é preciso examinar as do marido e verificar se lhes faltam botões.

A mulher é um espelho que se reflete quando tem de escolher fazendas para os vestidos.

E' mais facil uma mulher calar-se quando tem razão do que quando não tem nenhuma.

Os passaros, os gatos e as mulheres são as tres espécies de animais que gastam mais tempo a fazer a sua toilette.

Em geral, o que um homem sabe pode encher um livro, o que ele julga saber encheria uma biblioteca.

Verdades como unhas.

Casamento: é qual torrada de moça. Com manteiga de mais fina barba.

Mas, á segunda dentada, a manteiga é a margarina de bota.

NOVA CASTA

Já nossos primeiros pais
Dividiam em dois grupos
Os diversos animais:
Os animaes racionais
E os outros, irracionais.

Nos tempos que vão correndo,
Dizem mui lidos jornaes,
Descobriu-se um grupo a mais,
Formado de originaes
Animaes, excepcionaes
Nas faculdades mentaes.

Estes sobrenaturaes,
Animaes, descommuns,
Que passam por imortaes
Entre os outros animaes,
Mais oiménos bestiaes,
São os... INTELECTUAES.

Jose Domingos Lopes.

PECAS DE VESTUARIO

Que faz o mollo da mayonnaise, quando esta é bem preparada?

—Liga.

—Que diz o borracho, quando estende o copo a pedir vinho?

—Bota!

—Que diz a mulher honesta quando

